

STAR CRAFT

HEART OF THE SWARM



Vikings Perdidos

Por Matt Forbeck

— Nós não estamos prontos para isso — reclamou Erik Snabb em seu viking enquanto a nave cruzava o céu azul e branco de Braxis. A máquina teimosa parecia uma mula ao ser guiada e ele chegou a pensar em dar umas pancadas nela. Mas talvez fosse melhor guardar esse tratamento para o engenheiro que deu a ideia de colocar asas em um andarilho de guerra e forçá-lo a voar.

— Fale por si mesmo, recruta. — respondeu o Major Stortand Varg pelo canal aberto de comunicação. — Você sabia o que esperar quando se inscreveu como voluntário.

Os outros membros do esquadrão riram. Erik ficou vermelho de vergonha. Pelo menos, ninguém estava lá para testemunhar isso.

Então, a cara feia e veterana de guerra de Varg apareceu na tela de Erik, olhando-o intensamente. No passado, uma hidralisca abriu um talho na cara do veterano com uma garra de um metro e ele não quis saber de cirurgia reconstrutiva até ser tarde demais para ajudar de verdade. A cicatriz cruzava seus lábios, criando uma careta permanente e expondo os implantes metálicos que substituíam os dentes perdidos em batalha.

Para Erik, a cara de Varg servia como um lembrete chocante dos horrores da guerra que ele esperava deixar para trás. Ele voara com uma Espectro pela Supremacia por apenas um ano durante um período de serviço há tempos, e amara cada minuto da experiência. Ele nunca se sentiu tão vivo quanto quando estava no controle de um caça, sentindo o poder nas mãos e mantendo a galáxia segura para os terranos.

Ele sempre viu como obrigação usar seu talento e perícia de piloto de combate onde poderiam ser mais úteis. Lutar pela Supremacia contra forças que ameaçavam sufocá-la em sua própria terra natal parecia o jeito mais inteligente de ajudar o maior número de pessoas. E o fato dele poder voar com algumas das máquinas mais poderosas e mortais do universo também ajudava.

Isso durou até ele conhecer Kyrie e se apaixonar. Por mais que adorasse voar, ele não tinha coragem de deixá-la para trás. Ele vira o jeito como Kyrie chorava por ele sempre que ele saía para a batalha, com medo de nunca mais vê-lo novamente. E ele sabia que não podia fazê-la aguentar isso para sempre. Ou pior, deixá-la para lamentar sua morte.

Seus superiores não ficaram nada felizes ao saber de seu desejo de pedir baixa, obviamente. Eles argumentaram sobre como o imperador gastara uma fortuna em seu treinamento e como Erik deveria passar o resto de sua vida pagando por isso. Porém, no final das contas, por mais que parte dele concordasse com os oficiais, Erik partiu. Depois de descobrir que Kyrie estava grávida, nem o próprio Imperador Mengsk poderia convencê-lo a ficar.

Assim que seu período de serviço terminou, ele e Kyrie se casaram. Como presente de casamento para ela, ele deu baixa, arrumou as malas de Kyrie e de sua filha Sif, levou-as para um transporte interplanetário e foi com elas para Braxis.

longe O planeta frio e isolado ficava tão do resto da Supremacia que Erik esperava nunca mais cair na tentação de se realistar. Ele quase cedeu algumas vezes depois de assistir às notícias da UNN, mas sempre colocava os pés no chão antes de ir correndo para um estaleiro sideral.

Em vez disso, ele sempre voltava para seu trabalho, pilotando transportes pelos ermos gelados de Braxis, transportando mercadorias de uma colônia para a outra e minerais preciosos das minas para as refinarias. O trabalho pagava bem, apesar de mantê-lo longe de Kyrie e Sif por vários dias de cada vez. Também o deixava tempo demais sozinho com seus pensamentos.

No momento em que ele falou em sair do planeta, Kyrie sabia o que ele queria dizer. — Pode esquecer! — disse ela. — Nós temos uma boa vida aqui. É seguro, longe dos problemas de alguém que constrói impérios para si mesmo, e é o tipo de lugar onde nossa filha tem uma chance verdadeira de crescer conhecendo tanto o pai quanto a mãe. Por que você quer mudar isso?

Erik deu de ombros. — Eu simplesmente não me sinto útil aqui. A história está sendo escrita lá fora, em algum lugar, e nós não vamos ver nem as notas de rodapé.

Kyrie balançou a cabeça. — Então me diga que isso é mais importante do que o nosso casamento. Mais importante do que um pai para a sua filha. Se você disser isso, eu vou pensar na ideia.

Ele tentou olhar para o outro lado, mas ela segurou o rosto dele e forçou-o a olhar para ela. — Vamos lá — desafiou ela. — Eu quero ver.

Ele não conseguiria. Ele a pegou nos braços e a segurou até a vontade de ir embora passar. E foi necessário um longo tempo.

Então, ele voltou ao trabalho e tentou tirar o melhor proveito dele. Se isso significava ser só um caminhoneiro, ele seria o melhor caminhoneiro daquele lugar. Depois de trabalhar duro, ele foi promovido. Seus chefes o mantinham perto de casa e ele só era enviado em viagens mais curtas, para que passasse mais tempo com a família.

Ficou em paz. Sentiu-se contente. Feliz, até.

Então, os zergs chegaram.

Todos aqueles minérios preciosos que Erik transportava pelo planeta eram ao que parece, tão preciosos para os zergs quanto para os terranos. Os aliens não deram aviso antes de invadir. Eles não fizeram exigências. Eles simplesmente caíram na superfície do planeta e começaram a trabalhar, tomando tudo o que queriam e matando todos que estivessem no caminho.

Kyrie estava em prantos quando Erik finalmente conseguiu chegar em casa. Sif, a doce menininha de olhos azuis, tentou fazer o que pôde para confortar a mãe, mas não conseguiu. A garota ficou tão aliviada ao ver o pai que correu e se jogou nos braços dele assim que ele passou pela porta. Então, quando já estava se sentindo segura, também se permitiu chorar.

Erik estivera ouvindo as reportagens da UNN no caminho de casa. Ele sabia que o planeta já estava perdido. Pelo menos, o planeta como ele conhecia. Seria só questão de tempo antes dos zergs aniquilarem todos os humanos da face do planeta. Mesmo que o Imperador enviasse uma força para impedi-los, a guerra entre os dois lados certamente destruiria

todas as colônias. Erik, Kyrie e Sif precisavam ir embora imediatamente e torcer para que restasse algo para quando voltassem.

Eles estavam arrumando as malas para a evacuação quando a ligação chegou. Um recrutador local disse a Erik que os militares haviam criado um plano para parar o avanço dos zergs. Pelo menos por algum tempo. Com sorte eles conseguiriam segurá-los até a maior parte das pessoas ter sido evacuada do planeta. Mas a Supremacia precisava de mais pilotos de combate para ajudá-los a implementar o plano desesperado.

Ao ouvir isso, Kyrie entrou em ação. — Vá — disse ela a Erik enquanto enxugava as lágrimas do rosto. — Faça o que puder para ajudar. Estaremos esperando por você quando voltar.

Erik só teve tempo de beijar Kyrie e Sif antes de sair correndo para encontrar o recrutador.

Em poucas horas, Erik já estava na cabine de um viking, junto com uma unidade de veteranos, voando em direção a colina norte das Montanhas Grendel, o local onde o comando disse que os Zergs haviam pousado as forças invasoras. Erik não voava um caça havia mais de três anos e estava torcendo para que sua memória muscular voltasse imediatamente.

Mas o viking foi duro com ele. Os controles mexiam na mão dele como as rédeas de um cavalo selvagem. Eram muitas coisas para ele se lembrar e Erik não tivera nenhum tempo de treinar com a maldita nave antes de mandaram ele subir em uma.

— Vocês tem certeza de que não tem uma Espectro guardada em algum lugar? — perguntou Erik quando o oficial avisou que ele pilotaria um viking.

O homem riu com força e balançou a cabeça. — As poucas que nós tínhamos estão ajudando na evacuação. Você vai voar com Varg. Vai em um viking.

Erik passara tanto tempo em sua Espectro que ela era quase uma extensão natural de seu corpo. Em comparação, o viking parecia uma violação, como se alguém tivesse colocado cirurgicamente duas pernas extras, três braços extras e uma cauda preênsil nele. O problema não era saber como operar cada parte individual. O problema era coordenar todas elas de um modo que não parecesse que ele ia tropeçar a qualquer momento.

É claro, o resto da equipe tinha dezenas ou centenas de horas de voo com essas naves. Os pilotos trabalhavam juntos como uma máquina bem lubrificada, capazes não só de controlar seus vikings como esgrimistas com sabres mas também de antecipar os movimentos uns dos outros. Era como se as ações deles fossem coreografadas e treinadas a exaustão. A equipe parecia perfeita, exceto pela ponta quebrada que Erik representava.

Erik nunca estivera em um viking antes, pelo menos um real, que não fosse simulador, e nunca conhecera ninguém da equipe ou trabalhara com eles. Ele ouvira falar de Varg, que era uma lenda em Braxis, mas o resto permanecia um mistério. Se havia um elo fraco na corrente, certamente era ele. Erik torceu para não falhar e acabar destruindo todos.

— Nós estamos quase chegando, garoto — comentou Varg, interrompendo os pensamentos de Erik. — A hora de se arrepender terminou depois da decolagem.

— Eu queria defender a minha família — explicou Erik, tentando justificar por que se oferecera para a missão. — Não sabia que ia voar em um desses.

— Você pôde escolher lutar ou não — rebateu Varg. — Isso é mais do que todos nós pudemos fazer. Só não teve a chance de escolher a arma.

— Mas eu entendo como ele se sente — soou a voz de Olaf Kraftig, um homem enorme que voava a estibordo de Erik. — Essas coisas não são A nem B. Um andarilho de guerra que se transforma em nave? Isso não é natural.

Varg riu do comentário. — O que você tem a dizer sobre isso, Ruiva?

"Ruiva" era o apelido da capitã Drake, uma bela mulher que Erik vira no hangar. Eles não se falaram, mas ela fizera uma rápida continência quando ele entrou no viking, e ele respondeu com outra, por reflexo.

— É uma máquina que faz tudo — comentou ela. A voz era tão rouca que Erik imaginou que ela tivesse se ferido de alguma forma. Ninguém era tão rouco naturalmente. — Capacidade de apoio aéreo e terrestre. Como não amar?

— Pode perguntar pro Johan — disse Baleog Grym em um tom amargo. — Ele voava no lugar do Erik até a semana passada.

O quinto e último membro do esquadrão, Baleog, não tinha muito o que dizer para Erik durante toda a viagem. Ele parecia chateado com sua presença, acreditando que o esquadrão estaria melhor sem ele. Erik não sabia se discordava.

— O que aconteceu com Johan? — perguntou Erik.

— Eu vou dizer o seguinte — começou Baleog, amargo como sempre —, se ele ainda estivesse por aqui, o Varg não teria procurado voluntários para tomar o lugar dele.

Olaf jogou a cabeça para trás e riu com força. — Isso é verdade!

— Ele morreu em um acidente de treinamento — respondeu a Ruiva. — Perdeu o controle da nave enquanto se transformava de andarilho para voador. Deu de cara no chão.

— Acontece com mais frequência do que você imagina — adicionou Varg. — Não tem nada de fácil em pilotar um viking. Só os melhores dos melhores conseguem.

Baleog rugiu ao ouvir isso. — Os melhores ou os mais desesperados.

— Olha — respondeu a Ruiva — Não há muitos pilotos de combate terranos com experiência sobrando em Braxis hoje. Varg não teria chamado o Erik se nós não tivéssemos sem opção.

Erik sentiu um frio na barriga — O quão desesperados vocês estão?

— Eu não teria chamado você se não achasse que poderia fazer isso — respondeu Varg. — Ter um piloto ruim no esquadrão é pior do que ter uma nave a menos.

— Isso é verdade — concordou Baleog.

— Eu vi o seu histórico militar antes de mandar ligarem para você. Seu antigo comandante disse que você foi o melhor piloto que ele já viu. Acumulou o maior número de abates da sua antiga unidade.

— É verdade? — Perguntou a Ruiva.

— É — admitiu Erik, sem orgulho.

— Bom, não há terranos suficientes em Braxis em geral — prosseguiu Baleog, com uma pequena nota de respeito na voz. — Pelo menos não desde que os protoss expurgaram o planeta.

— Você viu as fotos de como era antes? — perguntou a Ruiva. — Praticamente liso e redondo como uma bola de gude, com uma serra aqui e outra ali. Bem normal. Mas agora não é mais.

Erik passara muito tempo voando pela superfície congelada do planeta. Alguns chamavam Braxis de cemitério congelado. Erik preferia pensar no planeta como um recomeço limpo.

Ele sempre ficava maravilhado ao ver o modo como o planeta se reformou após o calor apocalíptico do expurgo protoss, que transformou toda a água do planeta congelado em vapor. Pelo que o Sr. Wotan (um dos primeiros terranos a retornar a Braxis) dissera, a maior parte da superfície do planeta foi vaporizada, mas isso não significava que tinha desaparecido.

Depois que o trabalho terrível foi feito e os protoss foram embora, o planeta se resfriou novamente e todo o vapor d'água se condensou e caiu como neve e granizo. As tempestades devem ter sido quase tão aterrorizantes quanto o expurgo que as precedeu, com tempestades equivalentes a vastos oceanos caindo para recobrir a superfície queimada do planeta, que fora exposta pela primeira vez. O clima insano criou enormes estruturas de gelo que pareciam impossíveis, encravadas na terra como obras de arte monstruosas ou os brinquedos de algum deus morto.

Em vários lugares, o gelo se reformou mais sólido do que nunca. Em outros ele formou uma trama frágil que parecia estável mas não era nada confiável. Poderia ser capaz de segurar toneladas de água sem desmoronar sob o próprio peso, mas uma quantidade certa de pressão feita no ângulo errado poderia fazer a área inteira ceder. Apesar de nunca ter precisado fazer um pouso de emergência nos ermos, Erik ouvira histórias de pessoas que pousaram e tiveram seus transportes engolidos pelo gelo.

— É — comentou Erik —, parece alienígena, mas é lindo.

As palavras saíram da boca dele antes que ele percebesse que realmente pensava assim. Ele aprendeu a se importar com seu novo lar desde que sua família se mudara para lá. Uma pena que ele só tivesse reconhecido isso agora, quando os zergs estavam prestes a expulsá-los.

— Você chegou até aqui, então vai ficar bem, garoto. — afirmou Varg. — Agora é hora de fecharmos as matracas e nos concentrarmos na missão. Chegaremos ao ponto de pouso em 60 segundos.

Apesar do incentivo de Varg, Erik se sentia terrivelmente mal preparado para esta missão. O viking também não ajudava. O jeito como ele se movia parecia errado. Pelo menos, em comparação com as Espectros que ele conhecia tão bem.

— Nós estamos chegando rapidamente — avisou Varg. — Precisamos descer alguns quilômetros antes do local da infestação zerg e seguir de lá a pé. O comando acha que isso nos permitirá chegar mais perto da confusão antes deles começarem a atirar.

Os rumores eram de que os zergs haviam pousado no lado oposto do planeta, com uma força preliminar que logo se tornaria uma invasão em larga escala. Braxis podia ser grande o suficiente para manter as duas espécies, mas os zergs não sabem dividir.

A Supremacia lançou um ataque aéreo contra a infestação, mas os zergs derrubaram as naves terranas antes que elas pudessem completar a missão. Foi então que alguém na base de comando deu a ideia de enviar os vikings. Logo depois, Erik foi chamado.

A evacuação de todo o pessoal não essencial começou e Erik estava planejando partir com a família. Ele nunca pensou que a Supremacia precisaria dele, já que já tinham decidido abandonar o planeta. Talvez não devesse ter atendido ao chamado, mas assim que ele ouviu quem era, sabia que sua aposentadoria do combate havia terminado.

Sif e Kyrie ainda estavam agendadas para partir com o segundo ou terceiro grupo de refugiados. Elas se despediram dele naquela manhã. Erik e Kyrie concordaram em não dizer a Sif o que estava acontecendo, explicando somente que a mamãe estava saindo em uma viagem e que o papai se juntaria a elas assim que pudesse.

Beijá-las antes de partir, sabendo que talvez nunca mais as visse, mas sem poder dizer nada que levantasse as suspeitas de sua filhinha esperta, foi a coisa mais difícil que ele fizera na vida.

Até agora.

— Chegamos, Erik — declarou Varg, enquanto os vikings se aproximavam de um ponto de neve lisa. — Eu quero você no chão primeiro. Mude para o modo de assalto agora!

Erik puxou o viking para trás com toda a força e apertou o botão para baixar as pernas da nave. Com qualquer outra máquina, uma manobra dessas causaria uma parada, que seria fatal a essa altitude. A parada rápida o jogou contra o cinto, que o segurou resistindo à inércia. Agora ele sabia porque o viking tinha o dobro dos cintos, almofadas e proteções da Espectro. Todas as subidas e descidas que a nave precisava fazer ao mudar de um modo para o outro eram brutais.

Como Varg ordenou, Erik foi o primeiro a colocar os pés do andarilho no chão. O pouso era uma das manobras mais complicadas da frota inteira. Se ele ia cair com a nave, era melhor que não levasse ninguém junto.

Erik voara pelos desertos gelados de Braxis mais vezes do que podia contar, mas sempre ficara na segurança do transporte, um quilômetro ou mais de altura no ar. Essa era a primeira vez que ele ficava tão perto de qualquer parte da superfície do planeta fora de suas poucas colônias. Ele se perguntou se a neve suportaria o peso ou se ele afundaria imediatamente. E se perguntou o quão fundo seria ali.

A neve realmente cedeu sob as muitas toneladas de peso do viking, mas as pernas do andarilho encontraram um piso sólido a menos de meio metro abaixo da superfície. Se era feito de gelo, pedra ou outra coisa qualquer, Erik não sabia dizer. Simplesmente ficou grato pela coisa estar lá.

Envolvido pela densa nuvem branca que seu pouso levantara, Erik não conseguia ver nada. Ele levou a máquina à frente, deslocando-a pela neve pesada. As pernas do viking atravessavam a coisa como se nem estivesse lá, mas o movimento parecia desajeitado.

Erik operara apenas andarilhos civis antes, usando-os para descarregar cargas de seu transporte vez ou outra. Essa era provavelmente mais uma das razões pelas quais Varg o procurara para o trabalho. A maioria dos pilotos não tinha experiência com andarilhos, mesmo que fosse uma das empilhadeiras com os quais ele mexia no centro de distribuição.

Ele não sabia o suficiente sobre andarilhos militares para dizer se o movimento da máquina era normal. Será que o andar parecia estranho por causa da natureza do viking? Ou teria algo a ver com o clima? Nesse momento, ele decidiu que não fazia diferença. De qualquer forma, ele teria que aguentar e fazer o melhor que pudesse.

Depois de sair da bagunça que ele e os outros fizeram na zona de pouso, Erik parou para analisar o terreno. Uma cadeia de montanhas cobertas de neve ficava na direção que sua tela apontava como oeste. Talvez fosse montanhas só de neve, mas não era possível saber daquela distância.

Planícies gélidas se estendiam ao norte e ao sul, e o vento criava ondas de pó branco, cortando o ar. Nada obstruía a visão de Erik até o horizonte escuro, exceto pelas nuvens de tempestade que se formavam ao longe, com relâmpagos que brilhavam prenunciando tempestades de neve.

O céu se acendia a leste conforme os primeiros raios de sol lutavam para atravessar a cobertura de nuvens espessa. Eles iluminavam uma longa cordilheira que se alongava por quilômetros em todas as direções, formando uma colina cristalina de vários metros de altura. Sob outras circunstâncias a vista teria impressionado Erik por sua beleza austera. Em vez disso a visão de uma infestação zerg na montanha ameaçou embrulhar seu estômago.

O tempo que Erik passara no exército da Supremacia foi gasto lutando contra outros terranos. Rebeldes, em sua maioria. Ele acompanhou a luta em outras frentes contra zergs e protoss pelas transmissões da UNN, mas nunca recebera ordens de lutar contra aliens. Ele vira zergs mortos antes, mas nunca um vivo. Não ao vivo. A maior partes das pessoas que os viam não tinham a sorte de sobreviver para contar.

A maneira como os insetos se moviam pelos penhascos, aparecendo e desaparecendo repentinamente por uma série de buracos cavados por eles, lembrava uma infestação de cupins que ele vira quando criança. Os cupins destruíram a estrutura da casa onde ele e sua família moravam. O exterminador disse que o lugar estava danificado demais para ser salvo. A única coisa que poderiam fazer era destruir a casa.

Erik se perguntou se Braxis não teria passado do ponto sem retorno. Ele não sabia o que seria necessário para remover os zergs do planeta, mas se eles haviam se infiltrado como parecia na colina, nada menos do que um bombardeio orbital lhe parecia uma solução.

— Que diabos nós estamos fazendo aqui? — perguntou Erik.

— Matando os vilões — respondeu Varg. — É a nossa primeira oportunidade.

Erik olhou a câmera retrovisora e viu que todos já tinham saído da zona de pouso. Será que o gelo onde os Vikings estavam poderia aguentar tanto peso? Um viking pode conseguir voar muito bem, mas quando anda pelo chão, deixa uma bela pegada. Se eles estivessem sobre um mar congelado, Erik podia imaginá-los quebrando a crosta de gelo e desaparecendo nas águas escuras.

— Vamos marchar — começou Varg, pisoteando a neve. Ele levantava poeira enquanto seguia. Erik e os outros o seguiram rapidamente e o grupo fez a visibilidade da área cair para apenas alguns metros.

— Qual é o plano agora? — perguntou Erik. Talvez devesse apenas esperar que Varg começasse a dar ordens, mas ele precisava saber onde tinha se metido.

O major murmurou. Erik tinha dificuldade em enxergar a parte de trás da armadura do homem através da neve, mesmo Varg caminhando apenas alguns passos à frente dele.

— Nós vamos criar uma distração — explicou Varg. — Nosso trabalho é manter os insetos ocupados até o comando trazer o resto das forças para cá... ou decidir virar as costas e fugir com os civis.

— Eles estão nos usando de isca — disse Baeolg. — Nos largam do outro lado da infestação zerg e nos usam para afastar a atenção deles do acampamento.

— Isso — confirmou Varg. — Nós não temos que matar todos os insetos. Só precisamos chamar a atenção deles tempo suficiente para que o nosso pessoal escape.

— E quanto a nós? — perguntou Olaf.

Erik odiou o grandalhão por fazer a pergunta. Ele queria fazer a pergunta ele mesmo, mas tinha medo da resposta. Será que era mesmo melhor saber?

— E então, Varg? — pressionou Baleog. — Nós somos perdas aceitáveis?

— Pode ter certeza que sim. Todos nós somos. O que é mais importante: um esquadrão de vikings ou todos os outros terranos deste planeta?

Contanto que "todos os outros terranos" incluísse Kyrie e Sif, Erik sabia a resposta.

Eles prosseguiram em silêncio, com seus vikings os levando cada vez mais para perto da colina gelada. Apesar de Erik não conseguir enxergar nada por causa da neve ao redor, ele sabia que estava lá e temia cada passo. Ainda assim, continuava marchando.

— Parem! — Ordenou Varg, levantando um dos canhões do viking para chamar a atenção de todos.

Erik e os outros pararam imediatamente, com a neve se assentado ao redor deles. O sistema de controle climático do viking mantinha o para-brisas de Erik limpo e logo ele pôde ver a cordilheira. Estava muito mais próxima agora.

Varg gesticulou com o canhão. Zangões Zerg entravam e saíam de incontáveis túneis na face gelada, alguns dos quais estavam cobertos de gosma, uma substância que lembrava uma teia de aranha. Ela cobria grande parte da cordilheira, transformando a superfície branca e brilhante em uma sujeira cinzenta.

Umás coisas que Erik não reconhecia voavam sobre os picos, de um lado para o outro, como águas-vivas. Ele não sabia dizer que tipo de zerg eram, mas seu computador os identificou como suseranos. Estavam cercados por um grande grupo de mutaliscas.

— Nós vamos pelo chão até chegarmos perto o suficiente para acertar aqueles desgraçados com o máximo de poder de fogo que conseguirmos. Os vikings são rápidos demais pelo ar para nós conseguirmos atingir alguma coisa no chão.

Erik gemeu. — Bem que os engenheiros que criaram essas coisas podiam ter incluído uma arma que apontasse para baixo. — A Espectro dele era capaz de atacar alvos aéreos e terrestres enquanto voava pelo campo de batalha. A falta de flexibilidade o incomodava.

Baleog rosnou para ele. — O viking é e vai continuar sendo o ápice dos sistemas de combate terranos. Quer lutar com alguma coisa no ar? É só decolar e atirar. Quer lutar com alguma coisa no chão? É só pousar e sujar os pés. Nenhuma outra arma é mais flexível ou mais perigosa. Dentro da minha máquina, eu posso enfrentar qualquer outra máquina terrana e fazê-la em pedaços. Quando você tiver afim de me desafiar, é só subir em outra máquina e tentar.

Erik tentou uma desculpa. — Eu só estava fazendo uma...

Baleog o cortou. — Você pode até ser o melhor piloto de transportes da área lá fora. Aqui, você não passa de um passarinho com uma boca muito grande. Agora cale a boca e tente aprender alguma coisa para evitar matar todos nós.

Erik não respondeu.

Varg apontou o canhão para a cordilheira novamente. Nós vamos entrar rápido, antes que eles nos percebam. Então, vamos atingi-los com força com as nossas armas maiores. Quando chamarmos a atenção, eles enviarão tropas terrestres para dar um jeito em nós. Então, passaremos para o modo de voo antes que eles cheguem.

A ponta do canhão de Varg girou na direção dos zergs voadores. — De lá, nos vamos derrubar o máximo de insetos voadores que pudermos. Concentrem-se nas mutaliscas primeiro. As que têm asas. Elas são a maior ameaça.

— E depois disso? — Perguntou a Ruiva. Erik gostou do fato dela ter pensado no futuro.

— Nós pousaremos e começaremos a matar os insetos no chão outra vez. Vamos continuar nessa rotina até recebermos ordens para irmos para casa. Fui claro?

— Como gelo — respondeu ela. Os outros também assentiram.

O plano parecia bom. Tinha o benefício da simplicidade, de que Erik gostava, considerando sua pouca experiência com vikings. Na época em que voava com a Espectro, seus comandantes também usavam táticas de guerrilha, só que sem o inconveniente de precisarem ficar pousando e decolando. Erik sentiu esperança, o que não sentia desde que os zergs começaram a invadir.

Ao sinal de Varg, eles continuaram a marchar. Ao chegarem a uma distância aceitável dos zergs, ele parou novamente. Desta vez, quando a neve se assentou, Erik viu o verdadeiro tamanho da cordilheira e a esperança se esvaiu.

Dessa distância, ele conseguia ver a cor das carapaças dos zergs, os roxos e verdes sobrenaturais que manchavam a paleta natural marrom-cocô deles. Era possível ver as mandíbulas se movendo, mastigando. O estômago dele se revolveu com nojo. Porém, não teve muito tempo para lidar com o sentimento de desgosto.

— Acertem com rudo! — Comandou Varg, abrindo fogo com seus canhões Gatling. O resto dos vikings o seguiu.

Erik virou seu próprios canhões, um sobre cada ombro do viking, e abriu fogo. Uma torrente de projéteis de metal começou a ser disparada e estraçalhou a carapaça dura e

viscosa dos zerg, a gosma no chão e o gelo na superfície abaixo. A armadura do viking protegeu os ouvidos de Erik do barulho retumbante das armas, mas ainda assim era possível sentir a vibração dos disparos em seus ossos.

Baleog uivou quando o ataque dos vikings transformou os zergs na face da colina em uma pasta roxa escura. A Ruiva e Olaf fizeram o mesmo. Os vikings pegaram muitas das criaturas desprevenidas, matando-as antes que tivessem uma chance de fugir. Outros, porém, conseguiram fugir para dentro do emaranhado de túneis escavados e desaparecer.

— Continuem! — ordenou Varg. — Nós botamos eles pra correr!

Um sorriso se formou no rosto de Erik e ele não conseguiu conter. Matar os insetos era mais emocionante do que ele podia imaginar. O fato de estar fazendo isso para salvar a vida de sua mulher, filha e de todas as pessoas da colônia tornava a coisa ainda melhor.

As armas dele começaram a incandescer. Primeiro, elas só mostraram um pequeno sinal de vermelhidão nos canos, que começaram a brilhar cada vez mais forte. O calor da fricção das balas devia ser impressionante, especialmente considerando o frio lá fora.

— Estão fazendo um bom trabalho, meus vikings! — gritou Varg.

Em vez de se esconderem na colina, uma linha de zergs fez uma investida louca em direção ao pé da colina. Erik os seguiu com as armas, destroçando-os. Os poucos que ele perdeu escaparam para túneis perto da base. Erik redobrou os esforços para arrancá-los de lá, expondo-os em seu buracos uma bala por vez.

— Cuidado, garoto! — avisou Varg. — Levante suas armas! Se você continuar assim, vai acabar desmoronando a... ah, merda!

Enquanto Varg falava, a face da cordilheira começou a desmoronar. Começou com uma pequena parte perto do final, onde Erik estava concentrando os tiros. Ele acabara de encontrar uma enorme infestação de zergs. Não importava quantos tiros dava, mais criaturas saiam dos buracos, como se não tivesse espaço para todas se esconderem.

Isso se provou verdade, pelo que Erik viu, quando os primeiros metros de gelo cederam e desmoronaram. Os zergs expostos estavam agrupados tão juntos que praticamente explodiram com o gelo fragmentado. Eles tentaram desesperadamente se esconder, como baratas fugindo da luz. Mas não chegaram longe antes do resto da parede desmoronar sobre eles.

Sem o gelo da base para suportar, a face da parede rachou e desmoronou, caindo ao chão em uma combinação de avalanche e cachoeira. Erik sentiu o impacto pelo isolamento do viking, ressoando como um trovão interminável. Conforme o gelo batia no chão, ele se despedaçava e lançava pedaços ao céu, formando uma imensa nuvem que se propagava da colina como uma grande onda de neve.

— Droga! — Exclamou Varg. — Preparem-se para o impacto!

Erik já tinha plantado os pés de seu viking no gelo para segurar o coice dos canhões Gatling. Não pensou que a neve que descia pudesse ser muito pior. Assim que sentiu o impacto, ele se deu conta de como estava errado.

A neve não era aquela poeira fina que subia e cobria sua visão quando os vikings caminhavam. Essa neve era sólida, pesada, com estilhaços de gelo que estavam lá desde que o planeta recongelou após a purificação protoss. Aquilo o atropelou como um tanque de guerra e o jogou para trás, enterrando-o a cada centímetro que cedia.

Primeiro Erik lutou bravamente para se manter de pé. Mas logo percebeu que era inútil. Ele levantou os braços do andarilho e fez o que pode para ficar no topo da onda de neve. Ela varreu o viking e por um momento, ele se sentiu sendo levado pelas águas de um tsunami.

Então, tudo ficou branco. Depois, preto.

Uma avalanche que atinge você é a natureza fazendo seu melhor para tentar te assassinar. O barulho, uma ressonância grave como um trovão, parecia soar dentro dele, alta e insistente até ele se tornar parte dela. Apesar de poder respirar tranquilamente dentro do viking, a velocidade e força da avalanche o imprensaram contra o cinto, fazendo-o perder o ar. Ele estava certo de que estava prestes a morrer. Só esperava que a morte fosse rápida, pelo menos. Assim, o terror não duraria muito e logo ele estaria livre.

Usando o medo como incentivo, Erik lutou para levar o viking de volta para a superfície, usando as pernas e as armas da máquina para deixá-la o mais reta possível. Depois de alguns instantes, a força da da neve incontida arrancou os controles das mãos de Erik. Quando o viking finalmente parou, recostado em um enorme amontoado de gelo, pedras e neve, e o barulho terminou, Erik percebeu que estava vivo e completamente preso.

Sons de pânico foram ouvidos no sistema de comunicação de Erik. Ele não conseguiu entender as palavras claramente. Só tinha certeza de que as pessoas com as quais ele tinha chegado estavam com problemas e ele não podia fazer nada para ajudá-las.

— Reportem! — Ordenou Varg. Ele devia estar falando isso a algum tempo. — Parem com esses maldito gemido e reportem suas situações.

Com o perigo imediato tendo passado, Erik sentiu medo de ser engolido pelo medo de sua nova situação. A voz poderosa do oficial deu a ele nova vida na qual se agarrar. — Aqui! — respondeu ele.

— Presente — declarou Olaf.

— Ei! — falou Baleog.

Ninguém mais respondeu.

— Ruiva? — chamou Varg. — Droga! Ruiva?

Nada.

Então, veio a voz dela. Baixa e fraca, mas clara. — Eu, ah... estou aqui.

— Alguém está vendo ela?

— Eu não estou vendo nada — explicou Baleog. — Estou com neve até a cabeça.

— Eu também cáí, infelizmente. — adicionou Olaf, com um gemido de dor.

Erik olhou pelo para-brisas e viu apenas um tom acinzentado. Ele deduziu que isso seria uma boa coisa. Se estivesse enterrado profundamente, não veria nada além de escuridão total. O fato de ver qualquer coisa significava que ele não estava tão longe da superfície.

— Visibilidade zero aqui — disse. Ele tentou mover os braços do viking. Os canhões Gatling estavam tão quentes antes que ele imaginou que eles teriam derretido a neve ao redor. Em vez disso, eles foram envolvidos em blocos de gelo de congelamento rápido. — Também não consigo mexer minhas armas.

— Sem pânico — comandou Varg. — Nós ainda não estamos acabados.

— Ah, não — comentou Baleog. — Contanto que você não seja a Ruiva.

— Isso não ajuda em nada. — Varg hesitou por um instante. — Alguém está com a transformação de modos operacional?

Erik verificou o display. A parte de diagnóstico estava toda em verde, exceto pelas armas, que estavam amarelas. — O meu está operacional. — declarou.

— O meu também — seguiu Baleog. — A perna esquerda da minha máquina está quebrada, mas minha cabine está intacta.

— Afirmativo — disse Olaf. — Minha cabine também manteve a integridade. Mas eu perdi um dos canhões. Uma pedra o arrancou completamente.

— Deem a partida nos motores — ordenou Varg. — Ativando seus jatos de decolagem vertical, vocês devem conseguir gerar calor suficiente para se soltarem.

— E você? — perguntou Baleog.

O major grunhiu. — Eu estou inteiro, mas a avalanche me deixou de cabeça para baixo. Se eu ligar meus motores, vou na direção errada. Mas pode ser que eu consiga me soltar se vocês três afrouxarem as coisas por aqui.

— Nós podemos fazer isso, não é? — perguntou Erik. — Nós já cumprimos nossa missão, então temos bastante tempo. E fizemos muito mais do que distrair os zergs. Aquela avalanche deve tê-los esmagado. O tempo está do nosso lado.

Baleog soltou uma risada aguda e amarga. — Você não entende muito de zergs, não é?

Erik, que estivera feliz com a avalanche até ser pego por ela, sentiu um peso no coração. — Como alguma coisa poderia sobreviver a isso?

Varg tossiu, com uma risada fraca. Erik se perguntou se o homem não estaria mais machucado do que queria dizer.

— Os zergs são bichos de toca, garoto. — explicou ele. — Contanto que a avalanche não os tenha esmagado completamente, eles têm tudo que precisam para escavar o caminho para a liberdade.

— Mas deve ter matado um bocado deles — disse Baleog. Por mais grosseiro que ele parecesse, Erik notou uma ponta de medo em suas palavras. — Não é?

— Claro — confirmou Varig. — Talvez alguns. Mas todos eles? Sem chance. Eles estão lá fora e estão irritados.

— Irritados e querendo vingança — soou a voz de Olaf, pequena para um homem tão grande.

Varg grunhiu ao ouvir isso.

Erik começou a ativação do modo de voo o mais rápido possível. Ele preparou a sequência, passando pela lista que Varg tinha repetido várias vezes durante a decolagem. Quando Erik chegou na parte em que deveria verificar se a nave não estava presa no chão por nada (pois isso poderia causar uma sobrecarga e explodir os motores) ele passou direto. Não que tivesse escolha.

— Combustível redirecionado? Sim. — disse ele para si mesmo. — Força das pernas cortada? Sim.

Então, ele puxou a alavanca que transformaria os braços do viking em asas. Pressionou o botão de segurança verde e a puxou com toda a força possível.

Nada aconteceu. Nem uma palha se moveu.

Ele xingou e puxou a alavanca mais uma vez, com toda a força. Chegou a sentir a alavanca se mexer, mas ficou com medo de deslocar o punho. Era possível ouvir os servomecanismos do viking gemendo em protesto, enquanto tentavam mover uma tonelada de neve de cima dele.

— Eu estou preso! — gritou ele. — Procedimento de operação padrão não está dando resultados. Alguma ideia?

— Eu também estou preso. — comentou Olaf.

— Tentem acionar os jatos VTOL — instruiu Varg. — Sozinhos. Coloquem o mínimo de força possível neles.

— E se nós desligarmos o circuito de desligamento automático? — Perguntou Erik. Ele ficava nervoso em tentar. O circuito fora instalado para impedi-lo de quebrar a nave acidentalmente. Porém, agora ele precisava de toda a força que pudesse, fosse perigoso ou não.

— Não custa tentar — disse Varg. — Bom, na verdade, ele pode explodir, mas esse é o menor dos seus problemas agora.

— O que é isso? — perguntou a Ruiva. — Que barulho é esse?

— Ruiva! — gritou Varg. — Você precisa dar o fora daí.

— Tem... alguma coisa lá fora — mencionou a Ruiva, com a voz embargada pela dor. — Estou ouvindo ele arranhando a minha máquina.

— São os zergs! — exclamou Varg. — Você tem que sair daí, Ruiva! Faça alguma coisa agora!

Um barulho terrível ressoou pelo canal de comunicação. Erik já sabia de onde vinha, mas ainda assim se assustou.

— Droga — reclamou Baleog, com um tom tão baixo e horrorizado que Erik precisou se esforçar para ouvi-lo. — Eles a encontraram.

Um grito permeou a cabine de comando de Erik. — Sai de cima de mim! — gritou a Ruiva, aterrorizada.

Então, ocorreu algo que parecia o som de mandíbulas e mastigação ao mesmo tempo. Erik tremeu ao ouvir.

— Não! NÃO! — Então mais um barulho horrível, algo que parecia terrivelmente humano, foi cortado repentinamente.

Erik queria gritar furiosamente contra os zergs. Ele não conhecia a Ruiva direito. Ele nunca trabalhara com ela antes. Mas estava sentindo necessidade de pulverizar cada uma das malditas criaturas que a mataram.

Em vez disso, ele cortou o protocolo de segurança que incluía o circuito de desligamento automático e acelerou os jatos VTOL. Sentiu os motores vibrando com vida. Podia ser tarde demais para salvar a Ruiva, mas se ele não se mexesse logo, seria tarde demais para se salvar também.

— Vamos lá — pediu ele . — Vamos lá!

Ele tentou mover a perna de seu viking e descobriu que a neve ao redor tinha descongelado. Provavelmente tinha se tornado vapor escaldante. Sabia que se parasse os jatos agora, o gelo se reformaria ao redor da perna em segundos e o prenderia ainda mais do que antes.

Ele deu um pouco mais de impulso nos jatos VTOL e sentiu o andarilho balançar inteiro. Algo teria que ceder em breve. Ele torceu para que não fosse o viking. Se exagerasse com os jatos, eles poderiam acabar falhando e isso o mataria mais rápido do que os zergs. Pelo menos acabaria rápido.

Ainda assim, morto era morto e Erik ainda não estava pronto para desistir. Ele acelerou mais um pouco os jatos e, desta vez, ouviu o som de algo rachando.

A luz do dia apareceu sobre ele, quase cegando-o com a claridade.

A neve sob os jatos passou de sólida a vapor e a pressão ao redor do viking aumentou até que a nave encontrou. Em vez de esmagar o veículo, o vapor subiu até encontrar um ponto fraco na crosta, expelindo-a.

— Você está bem, garoto? — perguntou Varg.

— Pelo som, a nave dele explodiu. — comentou Olaf, com a voz aterrorizada.

— Melhor do que ser comido vivo pelos zergs. — comentou Baleog.

Erik queria responder, mas estava ocupado demais decolando com o viking. Estava acostumado a voar com algo mais razoável. Sair de um encalhamento para o ar diretamente nunca era fácil. Mesmo um especialista como Varg teria dificuldades em arrancar a nave de um buraco daqueles sem fazê-la entrar em parafuso.

Erik lutou com os controles, tentando reorganizar as manobras corretas para voar de forma estável. Ele conseguiu sair do buraco com velocidade suficiente, mas num ângulo que o jogaria de volta para o gelo. Ele precisou colocar os jatos verticais para baixo rapidamente e tentou se equilibrar como um andarilho de corda bamba em um vendaval.

Mas ele conseguiu. Instantes depois, usou os controles que ativaram o resto da transformação. As pernas da nave se dobraram e as asas nos ombros se esticaram, dando o suporte necessário para permanecer no ar.

— Saí! — avisou ele.

Baleog comemorou e Varg o seguiu.

— Ótimo trabalho! — avisou Olaf. — Será que você consegue nos dar uma ajuda?

— Só um instante — avisou Erik. — Vou ver o que posso fazer.

Ele parou antes de acionar as turbinas traseiras da nave. Se usasse os motores agora, acabaria decolando completamente e teria dificuldades em retornar para ajudar os outros. Obviamente, pousar o viking no gelo deixaria ele vulnerável aos zergs intocados, mas Erik sabia que não tinha escolha. Ele precisava tentar desencavar os companheiros.

O único problema era que ele não fazia ideia de onde os outros estavam. Não só a avalanche o deixara perdido como também acabara com a maioria dos sensores da nave. Não conseguia se localizar, que dirá descobrir onde os outros estavam presos.

— Eu não consigo ver vocês — avisou. — Será que vocês podem disparar um sinalizador ou algo parecido?

No instante seguinte, a neve à frente dele começou a brilhar por causa de uma fonte de luz sob a superfície.

— Isso ajuda? — perguntou Olaf.

— Belo farol — disse Erik. — Estou indo até aí.

Ele levou a nave até um ponto onde a neve fresca brilhava e baixou as pernas novamente. Ele disparou os jatos VTOL diretamente para baixo e olhou, vendo o gelo derretendo sob ele. Mas era difícil olhar na direção certa e o viking enterrado continuava escondido.

Erik não queria simplesmente derreter tudo até descobrir onde estavam os outros. Ele provavelmente ficaria sem combustível ou sem tempo. Além disso, precisava tomar

cuidado para não derretê-los junto com a neve. A carapaça do viking protegeria de parte do calor, mas não de um jato persistente.

— Se você conseguir voltar uns dois metros — pediu Olaf —, eu acho que vai dar certo.

Olaf não estava com os faróis acesos para cima. Estava angulado. Ele se afastou da superfície da avalanche e disparou as turbinas com força. Ao ser erguido ao ar, ele viu o topo do viking de Olaf aparecendo e o homenzarrão gritou de felicidade.

Erik voou para o lado rapidamente e a nave de Olaf subiu logo depois de sua tumba gelada.

— E quanto ao resto de vocês? — perguntou Erik. — Onde estão?

— Deem o fora daqui! — disse Varg. — Aquelas mutaliscas já devem estar voltando.

Erik olhou para cima, coisa que estivera ocupado demais para fazer antes, e viu que Varg tinha razão. Um grande número de zergs voadores, mais do que ele queria contar, estavam indo na direção dele. Ele não sabia quando eles o tinham avistado, se foi quando ele saiu do gelo ou quando usou os jatos para salvar Olaf. De qualquer forma, o tempo estava acabando.

— Nós temos um minuto. — Erik não sabia com certeza se estava mentindo, mas não ia desistir assim. — Deem um sinal, qualquer coisa, e nós soltaremos vocês.

— Eu estou preso de cabeça pra baixo — Meus faróis não vão adiantar muito. — Ele hesitou por um instante. — Estão vendo alguma coisa?

Erik olhou o gelo e a neve. Ele pensou ter visto algo, mas quando moveu seu viking, viu que era só um truque de luz do sol. Se estivesse mais escuro, talvez ele conseguisse ver algo, mas não podia ficar lá esperando o pôr-do-sol.

— Armas? — sugeriu Erik. Era perigoso dar tiros cegos, mas nessa altura, eram a única opção.

— Tá tudo congelado.

— Mesmo problema aqui — disse Baleog —, mas eu acho que meus jatos estão funcionando. Só um instante.

— Argh! Droga! — gritou Varg. — Eu estou ouvindo eles chegando! Estão furando a minha blindagem!

— Onde está você? — gritou Erik. — Me dê um sinal! Qualquer coisa!

— Afastem-se! Eu sou um homem morto, mas eu vou levar o maior número desses desgraçados que eu puder comigo!

— Espere um pouco! — pediu Baleog. — Só preciso de cinco segundos!

— Eu não sei se consigo... gah! Eles perfuraram minha cabine!

Erik observou a neve abaixo, mas a avalanche acabara com todos os traços característicos do lugar. Além dos buracos que ele e Olaf fizeram, não era possível identificar nenhuma diferença no terreno. Ele só sabia que seu major estava lá embaixo morrendo.

O som de disparos ecoou pelo rádio, misturado com os gritos de fúria de Varg. O major fazia um disparo após o outro, determinado a matar o maior número de zergs possível. Erik sabia que ele não se preocuparia em guardar uma bala para si mesmo.

Ele queria derreter cada centímetro da neve até encontrar o homem e resgatá-lo, mas sabia que não tinha tempo suficiente. A única coisa que ele e Olaf podiam fazer agora era subir ao ar o mais rápido possível.

Ele olhou para cima e viu as mutaliscas voando acima deles. As enormes criaturas com asas de morcego olhavam com olhos vermelhos e caudas enormes viradas para ele. Elas mantinham as bocas abertas, com sede de sangue.

Olaf já estava transformando seu viking no modo de voo. Quando a mutalisca se aproximou, ele acelerou os jatos e partiu.

Erik tentou fazer o mesmo, mas percebeu que nunca conseguiria a tempo. Em vez disso, fez o que pôde para recuar. A esperança dele era de que o inseto julgasse mal a distância até o chão e acabasse se chocando antes de conseguir corrigir a trajetória.

Mas a mutalisca manobrou no último instante, com a parte de baixo da cauda arrastando na neve. A criatura passou tão perto de bater que precisou usar a cauda para proteger o pouso parcial no gelo.

O zerg quicou, batendo as asas com força para tentar decolar. Então, o chão sob ela explodiu. A explosão destruiu a mutalisca e jogou o viking de Erik para trás.

Ao conseguir controlar as próprias pernas, Erik pensou em olhar para a cratera fumegante que tinha sido criada, mas sabia que isso poderia lhe custar a vida. Tendo conseguido outra chance de viver, ele não queria desperdiçá-la.

Ele apertou os botões que lançariam seu viking ao ar e se prendeu ao cinto, preparando-se para decolar. Ele olhou para cima e viu que o aglomerado de zergs que ia em sua direção tinha se espalhado como um cobertor. Se ele não fosse rápido, eles o pegariam como uma rede.

O viking disparou para frente. Se o transporte que ele pilotava para viver era uma mula de carga, o viking era um predador selvagem veloz em comparação: rápido, ágil e quase impossível de controlar. Ele sentiu a máquina lutando para escapar de seu controle e sabia que se o perdesse só por um segundo, talvez não vivesse o bastante para se arrepender.

Olaf levara algumas mutaliscas para longe, mas um número equivalente convergiu em direção à nave de Erik. Sua tela mostrava as miras apontadas para duas delas e ele agiu rapidamente. Ao apertar o gatilho, dois torpedos Lanzer foram disparados.

Para Erik, eles pareciam estar indo quase na mesma velocidade que o viking e ele achou que poderiam atingir as criaturas quase ao mesmo tempo que suas balas. Os torpedos acertaram as criaturas e detonaram, mandando estilhaços e pedaços de zergs para todos os lados. Erik passou com o viking pela explosão, enquanto destroços batiam no para-brisas da nave, com ácido se espalhando em toda parte.

Erik não pôde evitar de comemorar seu triunfo. Mas a felicidade durou pouco.

— Baleog? — chamou Olaf pelo comunicador. Erik avistou o viking do piloto livre já circulando para se juntar a ele.

— Varg soltou um pouco do gelo ao meu redor — avisou o piloto enterrado. — Só preciso de mais alguns segundos.

Erik olhou para trás e examinou o gelo quebrado. Um pouco afastado da cratera deixada pelo viking de Varig, ele enxergou o topo de outro viking para fora do gelo. Também viu uma grande quantidade de mutaliscas convergindo na direção dele. A explosão espantou-as por um tempo, mas elas pareciam estar superando o medo bem rápido.

— Você não tem mais tempo — avisou Erik, mergulhando na direção da nave atolada de Baleog.

— São muitos deles — exclamou Olaf. Erik viu o viking manobrando. — Nós não podemos enfrentar todos.

— Nós não precisamos — disse Erik. Ele sabia como se virar bem em combate aéreo e, pela primeira vez, sua confiança se inflou. Um surto familiar de endorfina do combate criou a sensação maravilhosa da qual ele lembrava. — Nós podemos atrair as mutaliscas para longe, como Varg tinha planejado fazer desde o começo.

— Isso! — concordou Olaf. — Não é necessário abater todas elas. Nós só precisamos levá-las para longe até Baleog conseguir se soltar.

— Exatamente!

Erik foi para um ponto à direita da massa de mutaliscas. Enquanto voava, disparou vários torpedos contra os inimigos. Não se importava exatamente com os alvos, contanto que atingisse alguma coisa. Em um local tão cheio de alvos, isso não era nada difícil.

Os primeiros torpedos separaram o grupo de mutaliscas que estavam voando muito perto umas das outras e Erik viu outra dupla de torpedos passando à direita. Eles atingiram alvos e aumentaram o caos.

— Eu estou sentindo o cheiro deles! — falou Baleog. — Os zergs. Eles estão cavando a minha armadura. Estão vindo me pegar!

— Aguenta aí! — Erik olhou por cima dos ombros e viu Olaf disparando para cima. Junto com isso, uma outra visão tirou o sorriso do rosto dele. A enorme revoada de mutaliscas que estivera se aproximando de Baleog desistiu do vetor de ataque e começou a seguir na direção das naves de Erik e Olaf. O plano deles funcionara.

Uma rajada de pestes morfélicas disparadas pelas mutaliscas cruzou o céu. Algumas passaram perto do viking de Erik, mas nenhuma atingiu o alvo. Os vikings estavam longe demais e Erik pretendia manter as coisas desse jeito. Pelo menos por tempo suficiente para dar uma chance a Baleog.

— Nós conseguimos aquele tempo que você pediu, Baleog! — disse Erik pelo comunicador.

— Use-o!

— Eu estou ouvindo eles lá fora! Estão escavando meu casco!

— Dê a partida! — gritou Erik. — Vai! Vai! Vai!

Por um momento o comunicador ficou em silêncio e Erik achou que baratas tinham destruído a antena de Baleog. Elas podiam estar dilacerando o corpo de Baleog enquanto ele gritava, e Erik e Olaf não ouviriam absolutamente nada. Talvez fosse melhor assim.

Então, o gelo ao redor da nave de Baleog se desalojou e um terceiro viking se juntou a Erik e Olaf no ar gelado. Baleog rugiu, triunfante.

— Eu estou bem! — declarou Baleog, limpando parte dos insetos do céu. — Vamos dar o fora daqui!

As mutaliscas eram criaturas espertas e foram rapidamente na direção dos vikings. Porém, os zergs não tinham chance contra as naves terranas no quesito força. Erik e Olaf conseguiram escapar dos ataques das mutaliscas até conseguirem se libertar. Em pouco tempo, os pilotos estavam livres.

Depois que se afastaram dos zergs, eles manobraram as naves em um arco amplo na intenção de atravessar o caminho de Baleog, que também fez uma curva para encontrá-los. Em minutos, eles estavam voando em formação com Erik na ponta e os outros nas asas.

Erik olhou pela câmera traseira e via as ruínas da colina, a avalanche de gelo que caíra em sua base e a grande coluna de fumaça e vapor que ainda emanava do viking detonado de Varg. Ele balançou a cabeça, descrente. Tanta destruição em tão pouco tempo.

— Acha que isso adiantou? — perguntou Baleog.

— Eu espero que sim — respondeu Olaf. — Eu acho que nós não conseguiríamos sobreviver a outro incidente desses.

— Eu estou com a única nave inteira — exclamou Erik. — Ainda posso voltar lá e dar trabalho a eles.

— Pode esquecer, recruta — declarou Olaf. — Você salvou a minha vida. Se tentar voltar, eu vou com você.

— Eu acho que já perdemos vikings suficientes por hoje — declarou Baleog. — Vamos pra casa, aproveitar enquanto ainda temos uma.

— Eu aposto que deixaram as bicas abertas na taverna. — Avisou Olaf. — Bebida de graça até o dia do júzo final.

— É isso aí — concordou Erik com voz solene. Com sorte, Kyrie e Sif já estariam longe de lá antes que ele e os outros vikings retornassem. E teriam algum tempo pra gastar antes do último transporte partir. — Nós temos amigos mortos para brindar e as histórias deles para contar.